

O NACIONAL-POPULISMO VEIO PARA FICAR

Já em 1969, na “Introdução” de um livro que organizaram sobre o populismo, Ernest Gellner e Ghita Ionescu afirmam que “um espectro está assombrando o mundo – o populismo... que subverte as instituições liberais”.¹ Há muito tempo, portanto, o populismo amedronta os liberais. Hoje, o nacional-populismo de direita é uma reação frente ao fracasso da democracia liberal e do neoliberalismo financeiro-rentista.

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Economista



Os líderes desse tipo de populismo não são necessariamente autoritários; eles querem governar sem terem os partidos políticos e o parlamento como intermediários, mas precisam da democracia para se legitimar eleitoralmente. Eles ameaçam a democracia, estão sempre dispostos a ignorá-la, mas dela dependem. A democracia liberal, por sua vez, não é a democracia que os países ricos poderiam ter, mas a democracia regressiva que limita a voz do povo e se confunde com a plutocrática. É a democracia de hoje nos Estados Unidos – uma mercadoria de exportação cujos importadores são os países periféricos como o Brasil. Uma democracia que a Europa Ocidental, cujas elites estão associadas ao império americano, sente-se tentada a também importar, mas ainda se mantém uma democracia social não-plutocrática (as eleições são muito mais baratas) e, no caso da Suíça e dos países escandinavos, relativamente participativa.

Eu falo em fracasso da democracia liberal; poderia falar em fracasso do neoliberalismo rentista que também teve como sede os Estados Unidos, ainda que a democracia seja um regime político e o neoliberalismo rentista uma formação social. Mas para o pensamento a-histórico neoliberal, atado à Teoria Econômica Neoclássica, não existem formações históricas. Por isso, a expressão “democracia liberal” não se refere a um tipo de regime político, mas a uma formação social que eu denomino “capitalismo financeiro-rentista”.²

O neoliberalismo financeiro-rentista e sua réplica, a globalização, tornaram-se dominantes no Ocidente em 1980, entraram em crise econômica em 2008 com a grande crise financeira, em crise política em 2016 com a eleição de Donald Trump e o Brexit, e em colapso em 2021 com a pandemia de Covid-19 e o início do governo Joe Biden. Como houve a Virada Neoliberal em torno de 1980, a Virada

Desenvolvimentista está ocorrendo agora, como resultado de 40 anos de baixo crescimento, alta instabilidade financeira e profunda concentração de renda em favor do 1% mais rico da população.

O nacional-populismo de direita foi consequência desse fracasso. Ele não nasceu nestes últimos oito anos. Na França, quando Marine Le Pen foi candidata à Presidência em 2011, ela apresentou os principais pontos de sua campanha eleitoral: soberania do povo e democracia, Europa, reindustrialização e um Estado forte, família e educação, imigração e assimilação. A restrição à imigração foi sempre o carro-chefe do discurso nacional-populista. Esse, porém, tornou-se muito mais forte quando, além de se opor à imigração e ser nacionalista (“America first”), refletiu a insatisfação de uma massa de trabalhadores brancos de baixa classe média que se sentiram, e de fato foram, prejudicados pela globalização.

O populismo é um movimento e uma ideologia nacionalista e popular na qual os líderes políticos buscam falar em nome do povo – de um povo que é desprezado pelas elites econômicas e políticas. É um fenômeno que pode ser associado às rebeliões populares da antiguidade e à Reforma de Martinho Lutero, que lutou pelo direito de todos – do povo – a serem sacerdotes ou pastores. Que se manifestou na Rússia czarista e nos Estados Unidos no final do século XIX. O Populismo Russo, Narodnik, foi um movimento socialista que surgiu por volta de 1870. Seus membros eram intelectuais militantes que, através de propaganda política, esperavam despertar as massas a favor da liberdade e contra a burocracia e a aristocracia

czaristas. Nos Estados Unidos, o People’s Party também chamado Populist Party, um partido político de esquerda originado em Utah, chegou a ter certa força política no início dos anos 1890.

Os populismos latino-americanos foram mais significativos e relativamente progressistas. Os mais bem-sucedidos foram o de Getúlio Vargas, no Brasil, que governou de forma conservadora entre 1930 e 1945 e progressista de 1950 a 1954, e de Lázaro Cardenas, no México, progressista sempre. Ambos iniciaram a revolução industrial e capitalista nos seus países. E tivemos o populismo de Juan Domingos Perón na Argentina, também progressista entre 1946 e 1955. Seu desastroso segundo governo pode ser ignorado.

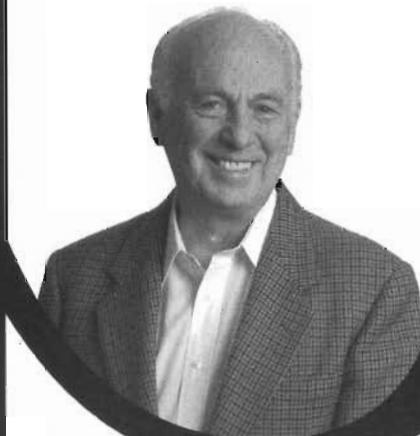
Ernesto Laclau, cientista político argentino, autor de a “Razão Populista” (2005), defende o populismo. Ele adotou a linha de ampliar o conceito de populismo para abrigar sob seu guarda-chuva os casos de nacional-populismo na América Latina, como os três que acabei de referir. A teoria política liberal despreza o populismo que é considerado oposto à política racional baseada em convicções ideológicas. Peter Wiles (1969) não foge à regra; para ele o populismo é uma síndrome que parte da seguinte premissa: “a virtude reside no povo simples, que constitui a esmagadora maioria, e nas suas tradições coletivas... é moralista, místico, e anti-intelectual, os financistas fazem parte de sua demonologia”.³ Peter Worsley, também em um ensaio de 1969, amplia o número dos membros do “povo”, que são objeto dos líderes populistas: “esse movimento tem

O populismo é um movimento e uma ideologia nacionalista e popular na qual os líderes políticos buscam falar em nome do povo – de um povo que é desprezado pelas elites econômicas e políticas

ocorrido entre legiões desesperadas de pequenos servidores públicos, entre pequenos lojistas e microempresários, entre gente 'respeitável' (por exemplo, servidores médios aposentados) recebendo aposentadorias fixas e outras fontes inflexíveis de renda".⁴ Abrange um número maior de pessoas do que os trabalhadores brancos de classe média aos quais nós nos referimos hoje como as vítimas da globalização neoliberal.

A partir desse princípio, Laclau propõe que o populismo é uma dimensão de todas as operações políticas e ideológicas que subvertem e as operações das ideologias ditas "mais maduras". A simplificação do discurso populista, construído através de dicotomias (povo *versus* oligarquia, massas trabalhadoras *versus* exploradores) implica que os dois polos são necessariamente imprecisos, e tal imprecisão "é a própria condição da ação política". "Assim, podemos dizer que o progresso na compreensão do populismo exige, como condição *sine qua non*, resgatá-lo de sua posição marginal no discurso das ciências sociais".⁵

Laclau morreu em 2014. Suponho que não poderia ter imaginado um populismo como o de Jair Bolsonaro no Brasil. Um populismo que pouco tem a ver com o que ele entendeu por populismo, e que não se inclui sequer no nacional-populismo de direita que vou discutir em seguida. Um populismo golpista e militarizado que foi responsável por mais de 400 mil mortes desnecessárias na pandemia de Covid-19.⁶ Para Mario Sergio Conti, os participantes da tentativa de golpe de 8 de janeiro de 2023, mandatários do populismo de direita no Brasil, estavam bem calçados. "Os 300 não eram anômalos. Tinham um ideólogo, Olavo de Carvalho, e um Messias já no nome, Bolsonaro.



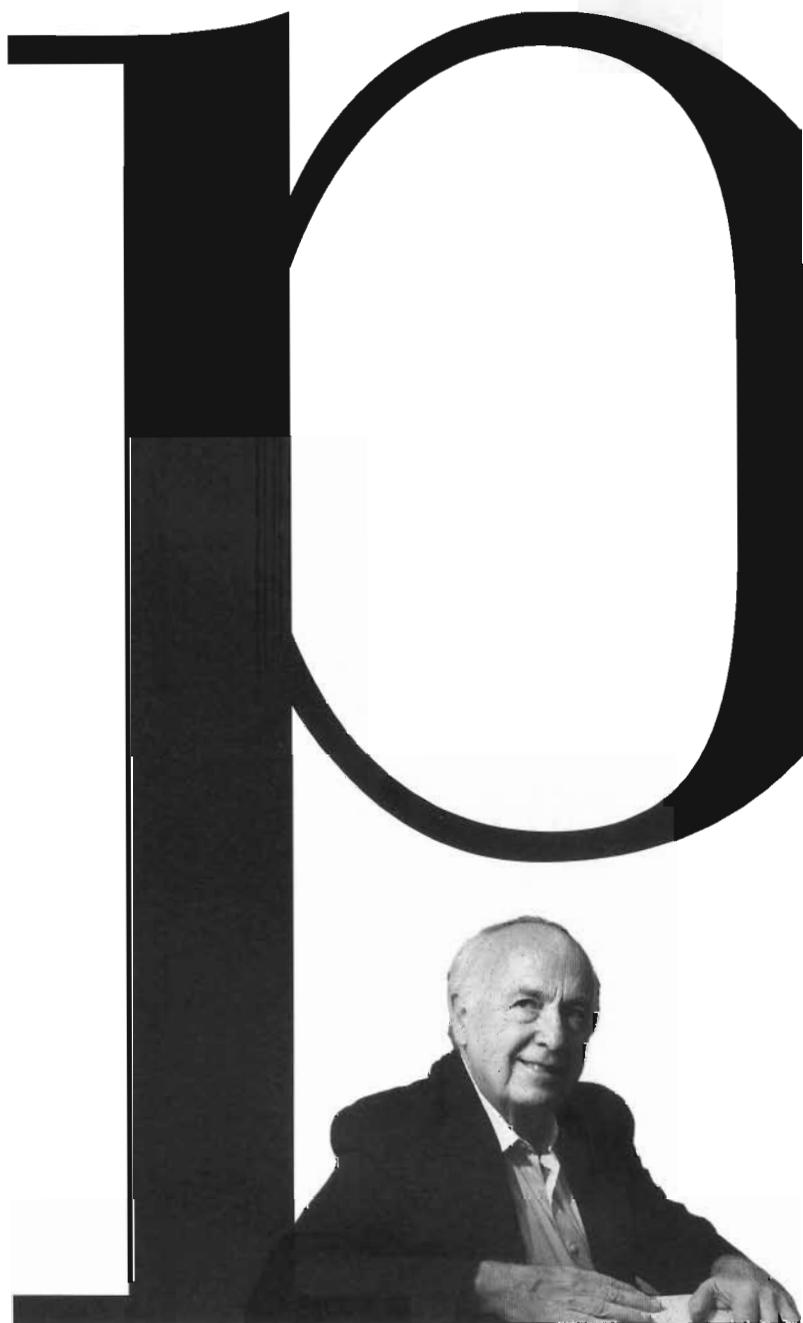
O autodenominado Mito, por sua vez, contava com a veneração da nata das Forças Armadas e das PMs, com governadores, emissoras, parlamentares, empresários e jornalistas. “Esse é o populismo de direita, militarizado, que temos no Brasil. Um populismo de direita que, ao contrário dos seus congêneres no exterior, é criminoso e não tem nada de nacional. Aqui, não quero falar sobre essa gente, e sim sobre o nacional-populismo de políticos como Donald Trump, Viktor Orban e Marine Le Pen.

Nacional-populismo de direita

O nacional-populismo de direita que estamos vendo nos países centrais merece uma atenção maior. É inútil e perigoso tentar criminalizá-lo. Os partidos e líderes políticos nacional-populistas de direita ganharam força com a crise do neoliberalismo iniciada em 2008. Ainda que em certos casos seja difícil diferenciar a direita da extrema direita, é antes uma ideologia ou movimento político de direita que, como dizem Roger Eatwell e Matthew Goodwin em seu livro “National Populism: The Revolt Against Liberal Democracy” (2018), chegou para ficar.

Esses dois cientistas políticos britânicos escreveram o melhor livro que conheço sobre o tema. Não vemos nele simplificações como as de Jan-Werner Müller, para quem os populistas, quando chegam ao governo, “concretamente envolver-se-ão na ocupação do Estado, no clientelismo de massas e na corrupção, e na supressão de qualquer coisa como uma sociedade civil crítica”.⁷ Ou então, em um livro posterior, já com a experiência do governo Trump, no qual ele equaciona o nacional-populismo com o autoritarismo e os respectivos regimes políticos com “fake democracy”.⁸

Transcrevo os dois primeiros parágrafos do livro de Eatwell e Goodwin: “Este livro é sobre o nacional-populismo, um movimento que nos primeiros anos do século XXI é cada vez mais desafiador do *mainstream* do Ocidente. Os nacional-populistas priorizam a cultura e os interesses da nação, e prometem dar voz a um povo que sente ter sido negligenciado, mesmo desprezado, por elites distantes e muitas vezes corruptas.”



Para eles o nacional-populismo não é antidemocrático; é, antes, antiliberal. Os dois autores não confundem, portanto, o liberalismo com a democracia. Historicamente o liberalismo econômico se opôs duramente à democracia. Durante todo o século XIX, os intelectuais liberais afirmavam que a democracia seria “a ditadura da maioria”, ignorando que o próprio conceito de democracia inclui a existência de determinados limites para a vontade do povo, sempre presente nas constituições democráticas. E naturalmente acreditando que o povo é a “massa”, senão a “massa ignara” que é preciso sempre temer e conter.

Sabemos que na teoria política, o povo é o conjunto dos cidadãos iguais perante a lei. Historicamente, é uma comunidade com história, língua e etnia comuns que serve de base para a construção da nação e do estado-nação. A forma correta de ver o povo é como povo soberano, como a base da nação e da democracia, é o vermos com simpatia e não como massa ignorante e perigosa.

Voltando aos nossos dois autores, na Hungria, por exemplo, Viktor Orbán defende explicitamente uma “democracia antiliberal”; ele quer mais democracia – mais referendos, a democracia direta. A democracia nacional-populista implica políticas sociais conservadoras e uma posição dura em relação à lei e à ordem, mas o nacional-populismo de direita defende um maior uso de referendos “para reforçar a relação entre os governos e os governados” (p.69). Eles criticam “o caráter elitista da democracia liberal” (p.53). Nos Estados Unidos, por exemplo, eles

criticaram os imensos gastos que o governo realizou na crise de 2008 para salvar bancos e grandes empresas.

O nacional-populismo de direita não é fascista. Não quer destruir as instituições sociais do Ocidente. Enquanto o fascismo defende um nacionalismo holista, o nacional-populismo defende a vontade do povo. Enquanto o fascismo propõe um novo homem, o nacional-populismo defende o homem comum. Enquanto o fascismo defende um Estado autoritário entre o capitalismo e o socialismo, o nacional-populismo considera as elites corruptas e distantes (p.64).

O nacional-populismo é típico das pessoas sem diploma universitário (de baixa classe média e classe trabalhadora), que foram deixadas para trás. Que não se beneficiaram, antes se prejudicaram com o neoliberalismo. O número de americanos sem diploma que se sentiram alienados do *mainstream* foi enorme. Muitos deles estavam abandonando o Partido Republicano muito antes que Trump anunciasse sua candidatura. Os nacional-populistas criticam as elites que se tornaram cada vez mais insuladas, distante da vida das pessoas comuns. Eles questionam a erosão do estado-nação, “que veem como o único constructo capaz de organizar nossa vida política e social”. Questionam a capacidade de o Ocidente absorver rapidamente as imigrações, defendendo assim seus empregos. São classificados como extremistas cuja política autoritária e racista representa uma séria ameaça à democracia liberal e às minorias. “Essas conclusões são simplistas, muito longe da realidade” (p.xviii)... “Aqueles que votam em nacional-populistas são ridicularizados... é difícil encontrar outro grupo tratado com tanto desprezo” (pp.xiii a xvii).

Enquanto o fascismo defende um Estado autoritário entre o capitalismo e o socialismo, o nacional-populismo considera as elites corruptas e distantes

Os nacional-populistas desconfiam dos políticos e das instituições da democracia liberal. Eles temem que a imigração destrua a identidade de grupos nacionais e suas formas estabelecidas de vida

Os nacional-populistas têm “quatro queixas legítimas que é pouco provável que percam vigor no futuro próximo” (p.xxi). Eles desconfiam dos políticos e das instituições da democracia liberal. Eles temem que a imigração destrua a identidade de grupos nacionais e suas formas estabelecidas de vida. Eles se sentem privados pela crescente desigualdade de renda e riqueza. Sentem que estão ficando para trás. Eles sentem uma grande insatisfação com os partidos políticos do *mainstream* ou, simplesmente, com a democracia liberal.

Assim, para Eatwell e Goodwin o nacional-populismo é uma resposta ao neoliberalismo ou à democracia liberal. Eles reconhecem que é um movimento político legítimo, com bases sólidas na sociedade.

Que fazer?

A tese é de que o nacional-populismo de direita está levando a democracia à morte. Uma onda de autores liberais, impactados pela eleição de Trump em 2016, defendem essa tese em maior ou menor grau. Paul Levitsky e Ziblatt, em seu livro “Como as democracias morrem” (2018), dizem que a democracia está morrendo porque “ao capturar os árbitros, comprando e enfraquecendo oponentes e reescrevendo as regras do jogo, os líderes eleitos [populistas] podem estabelecer uma vantagem decisiva – e permanente – sobre seus oponentes”.⁹ David Runciman, também escrevendo em 2018, não embarca na mesma canoa. Reconhece que existem democracias antigas e estáveis, e observa que “as democracias fortes são praticamente imunes a ataques frontais porque suas instituições são resistentes. Em consequência os ataques às democracias estáveis costumam vir pelos flancos.”¹⁰ Como enfrentar a ameaça representada pelo nacional-populismo de direita? Para Levitsky e Ziblatt, Runciman e

também para Yascha Mounk¹¹ (todos cientistas políticos ‘progressistas’), o populismo é uma distorção acidental da democracia liberal. Logo, é preciso defender o liberalismo econômico, mostrar suas qualidades insuperáveis. É preciso também diminuir a desigualdade tornando os impostos novamente progressivos, construir mais habitações e aumentar a produtividade. Progressistas, ou, como propôs Nancy Fraser, pensando em Bill e Hillary Clinton, ‘neoliberais progressistas’ paradigmáticos, que têm ideias socialmente progressistas, mas no plano econômico e político se aliam à ortodoxia neoliberal.¹²

No início deste ensaio, eu disse que o advento do nacional-populismo de direita reflete o fracasso do neoliberalismo financeiro-rentista, que afirmei em 2019.¹³ Estou seguro de que essa é a melhor explicação, mas vale a pena ouvir o que Chantal Mouffe tem a dizer.¹⁴ Primeiro, ela rejeita que o populismo seja “a volta a forças arcaicas e irracionais, um anacronismo”, nisso coincidindo com Eatwell e Goodwin; segundo, ela afirma que a teoria política liberal não entende o populismo devido a sua “recusa em reconhecer o político em sua dimensão antagonista e o papel central das paixões na constituição das identidades políticas”. Para ela o “político, conceito que está baseado na teoria de Carl Schmidt,¹⁵ implica uma oposição radical entre ‘o nós’ e ‘o eles’ – entre uns e outros políticos”. E afirma que “o movimento em relação ao centro dos partidos anteriormente socialistas levou ao apagamento das fronteiras entre ‘esquerda’ e ‘direita’”. Isto “implicou um vazio que hoje é preenchido pelos demagogos populistas de direita que, ao articular uma diversidade de medos e ressentimentos, foram capazes de constituir uma nova forma de oposição nós/eles”. Em outras palavras, “implicou um ‘consenso pós-político’”. Nesse quadro, “o populismo

de direita alega que o ‘povo’ é oprimido por um ‘bloco de poder’ constituído pelas elites políticas, a burocracia e a intelligentsia”.¹⁶

Essa tese, portanto, oferece como causa da emergência do nacional-populismo de direita um antagonismo insuperável entre o eles e o nós, entre as elites neoliberais constituídas em bloco de poder, ou seja, como coalizão de classes, e o movimento populista que pretende representar o povo. É uma teoria interessante na qual um marxista se apoia na relação entre a luta de classes e o entendimento da política como uma luta entre inimigos do conservador Carl Schmitt. Tem um aspecto histórico objetivo, a aproximação entre a centro-esquerda e a centro-direita que levou à coalizão de classes que denomino “neoliberal financeiro-rentista”. Não preclude, porém, a minha explicação mais simples que o nacional-populismo de direita resultou do fracasso do neoliberalismo ou da democracia liberal.

A própria Chantal Mouffe percebe essa identificação da democracia liberal com o neoliberalismo ao dizer que “livre mercado de um lado, direitos humanos do outro, juntos, fornecem o conteúdo do que [os liberais] hoje geralmente entendem por ‘democracia’”.¹⁷

O que fazer diante do populismo? Como a esquerda e a centro-esquerda poderão sair da confusão em que se encontram e recuperar sua autonomia? Não vejo alternativa senão criticarem duramente o nacional-populismo de direita e a democracia liberal. Não basta criticar o neoliberalismo como se ele fosse independente da democracia liberal. Não é. Mas para isso a esquerda precisa de uma alternativa que não é simplesmente o socialismo (esse fica como um objetivo de longo prazo). Uma alternativa ou um projeto que, no plano econômico, seja desenvolvimentista, sem prejuízo de lutar contra o aquecimento global; e, no plano político, busque fazer avançar a democracia social que nos anos 1980 foi paralisada na Europa Ocidental pelo liberalismo, hoje em decadência, e, desde os anos 2010, está sendo paralisada pelo nacional-populismo de direita, que continua forte. ●

O autor é professor emérito da Fundação Getúlio Vargas

*Agradeço a Cecilia Heise pela competente revisão do texto.

NOTAS DE RODAPÉ

1. Ionescu, Ghita; Ernest, Gellner. “Introdução” a Ionescu and Gellner, orgs. *Populism*, London: Weidenfeld & Nicolson, 1969.
2. Bresser-Pereira, *The Rise and Fall of Neoliberal Rentier Capitalism*, Oxford: Oxford University Press – forthcoming.
3. Wiles, Peter. “Syndrome, not a doctrine: some elementary theses on populism”, in Ghita Ionescu and Ernest Gellner, eds. (1970) *Populism*, London: Weidenfeld & Nicolson, 1969, 166-167.
4. Worsley, Peter. “The concept of populism”, in Ghita Ionescu and Ernest Gellner, eds. (1970) *Populism*, London: Weidenfeld & Nicolson, 1969, 245.
5. Laclau, Ernesto. *On Populist Reason*, London: Verso, 2005, 18-19.
6. Agência Senado, 24.06.2021.
7. Müller, Jan-Werner. *What Is Populism?* Penguin Books Ltd. Kindle Edition, 2016, 102.
8. Müller, Jan-Werner. *Democracy Rules*, New York: Farrar, Straus & Giroux, 2021, Capítulo 1.
9. Levitsky, Steven; Daniel Ziblatt. *Como as Democracias Morrem*, Rio de Janeiro: Zahar, 2018, 94.
10. Runciman, David. *Como a Democracia Chega ao Fim*. São Paulo: Todavia, 2018, 94.
11. Mounk, Yascha. *The People vs. Democracy. Why our Freedom is in Danger & How to Save it*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 2018.
12. Fraser, Nancy. Progressive neoliberalism versus reactionary populism: a Hobson’s choice, in Geiselberger, Heinrich, ed. (2017) *The Great Regression*. Cambridge, UK: Polity Press, 2017, 40-48.
13. Bresser-Pereira, Luiz Carlos. “A democracia não está morrendo: Foi o neoliberalismo que fracassou”. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n.111.
14. Mouffe, Chantal. “The end of politics”, and the challenge of right-wing populism, in Francisco Panizza, ed. (2022) *Populism and the Mirror of Democracy*, London: Verso, 2005.
15. Schmitt, Carl. *O Conceito do Político*, Coimbra: Editorial Medina (original em alemão, 1932 [2015]).
16. Mouffe, idem, 51 e 69.
17. Idem, 51-52.